

Em síntese, o que se pretende pontuar é que o que entendemos por desigualdade entre indivíduos pode se manifestar em múltiplas dimensões. Mais importante que isto, é a constatação de que, não raramente, ao vivenciar a desigualdade em uma dimensão de sua existência, um indivíduo acumule sobre si desigualdades em múltiplas dimensões. Um preconceito de raça, pode acumular-se a barreiras de gênero, agravada por restrições à liberdade reprodutiva, às quais podem coincidir diferenciais de acesso a renda, educação e moradia; dificultadas por questões de liberdade religiosa, de mobilidade física, cognitiva, de orientação sexual ou de identidade de gênero.

Em tal contexto, e nos apropriando da terminologia matemática da teoria de conjuntos, diz-se que o indivíduo está na ‘intersecção’ de grupos sobre os quais pesa negativamente a desigualdade. A esta multiplicidade de dimensões nas quais a desigualdade se manifesta sobre um indivíduo, ou grupo de indivíduos, dá-se o nome de interseccionalidade.

Quando um indivíduo pertence a mais de um grupo dito minoritário (não por seu tamanho numérico, mas pelo seu status depreciado na sociedade), é mais alta a probabilidade de que acumule consigo os efeitos negativos de seus pertencimentos múltiplos. Assim, por exemplo, pesa mais sobre mulheres, negros e ainda mais sobre mulheres negras, as dificuldades de acesso à cidade e a moradia com dignidade - diferenciais de gênero e raça impactam negativamente esses indivíduos em relação ao déficit habitacional (Monteiro, 2015). Também são prejudicados no acesso e no uso de serviços de saúde (Cobo et al., 2021), no acesso ao emprego, nas suas possibilidades de ocupação profissional, na escolaridade, na renda, no acesso à proteção social, na condição de seus domicílios e na sua inclusão digital (Pinheiro & Soares, 2003), para mencionar alguns aspectos.